

Ma rapariga namorava c'um rapaz e no quis, òdepoi, fecou com muita pena de no casar co ele e nunca mai se casou. Ele casou-se fora da terra e ela foi à prècura dele e bateu à porta. Vei a mulher. Ele tchamava-se Cavalhêro. A antiga namorada prèguntou»:

— Aqui mora Cavalhêro?      — Aqui deve de morar  
S'ele a pressa no é muita      ele a casa vem a jantar.

Agora s'a pressa é muita      vou a mandá-lo tchamar.  
Palavras no eram ditas,      Cavalhêro à porta à tchegar.  
— Que fazes aqui dунzela,      da mnha terra natural?  
— Os mês amores d'algum dia      hõije aqui me fazem star.  
— Cando t'ê queria amar,      no me querias tu amar:  
Tenh' a mnha mulher moça      mês filhos pra governar.  
— Ê no quero que tu me ames      nem t'ê quero amar,  
Quero que me dês tês braços      pra neles m'ê finar.  
Mandou-l'abrir ma spultura,      de pedra fina labrada,  
Quem morrer do mal d'amores      ali a'há-d'ir a interrar,  
Sou ê que seja o promêro      qui os vá a descobrir.  
Vieram d'interrar donzela      Cavalhêro foram-na busquér.  
Interraram um à porta grande      outro im cima ò altar.  
D'ela naceu ma rosêra,      d'ele naceu ma òlevera.  
A rosêra dava rosas,      prà vida s'infêtar.  
Ólevera dava azête,      prà vida s'alumiér.  
Um crecia, outro crecia,      ambos creciam na par.  
Lá prò mai alto raminho      inda s'iam àbraçar;  
A viúva co desgosto      as guias l'i-á cortar.

Buesco (196 ...

221-222